



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**JACQUELINE CRISTINA DA SILVA**

**A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: UMA ROTA, VÁRIOS  
DESTINOS.**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

**2017**

**JACQUELINE CRISTINA DA SILVA**

**A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: UMA ROTA, VÁRIOS  
DESTINOS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Viçosa, como parte das  
exigências para obtenção do título de bacharel  
em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Marine M. Corde**

**Co-orientador: Douglas Mansur da Silva**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

**2017**

**JACQUELINE CRISTINA DA SILVA**

**A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: UMA ROTA, VÁRIOS  
DESTINOS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Viçosa, como parte das  
exigências para obtenção do título de bacharel  
em Ciências Sociais.**

**APROVADA: 31 de Outubro de 2017.**

---

**Profa.: Marine L. Corde**

**(Orientadora)**

**(UFV)**

---

**Prof.: Douglas Mansur da Silva**

**(Co - orientador)**

**(UFV)**

---

**Prof.: Marcelo José Oliveira**

**(Departamento de Ciências Sociais)**

**(UFV)**

Dedico este trabalho a Deus e a todas as mulheres negras  
sonhadoras...  
que anseiam por um mundo melhor e mais justo...

## **RESUMO**

Com a finalidade de aproximar os conceitos apontados acerca da imigração haitiana no Brasil e os desafios do acolhimento, este trabalho de conclusão de curso traz apontamentos sobre a percepção da presença de imigrantes haitianos no Brasil na perspectiva de órgãos estatais, organizações não - governamentais e estudiosos das migrações. Busca-se encontrar novos pressupostos na compreensão do sentido da imigração e na escolha do país como uma rota e um local de estabelecimento pelos imigrantes haitianos.

Palavras-chave: Imigração. Haitianos. Acolhimento.

## **ABSTRACT**

In order to bring the concepts about Haitian immigration in Brazil closer to the challenges of reception, this final report brings a final report on the perspectives of Haitian immigration to the issues of immigrant reception by state agencies and non - governmental organizations and seeks to find new assumptions in understanding the meaning of immigration and in choosing the country as a route and a place of establishment by Haitian immigrants.

Keywords: Immigration. Haitians. Reception.

## **RÉSUMÉ**

Afin de rapprocher les concepts de l'immigration haïtienne au Brésil des défis de l'accueil, ce travail de fin d'études présente plusieurs réflexions sur la réception et l'accueil d'immigrés haïtiens au Brésil, suivant la perspective d'organismes étatiques, d'organisations non-gouvernementales et d'universitaires travaillant le thème des migrations. L'objectif consiste à chercher à trouver de nouvelles hypothèses dans la compréhension de l'immigration haïtienne et du choix du pays et des routes un lieu d'établissement pour les immigrants haïtiens.

Mots-clés: Immigration. Haïtiens. Réception.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AC - Estado do Acre no norte do Brasil.

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

CF/88 - constituição federal da República Federativa do Brasil aprovada em 1988.

CSNU - Comitê de segurança da Organização das Nações Unidas.

MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

ONU - Organização das Nações Unidas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa 1 - A situação geográfica do Haiti.....	22
Figura 2 - Mapa 2 - Uma rota migratória dos haitianos.....	24
Imagem 1 A carteira de trabalho.....	39
Imagem 2 A capa de uma revista jornalística sobre a migração “em massa” de haitianos.....	47
Imagem 3 Artigo de jornal.....	49

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - MANUAL DO PESQUISADOR NEÓFITO.....	07
1.1 A preguiça nossa de cada dia.....	11
1.2 Os anseios de ser um bom pesquisador.....	13
1.3 Uma pesquisa ruim é uma pesquisa mal feita.....	14
1.4 Expectativas versus realidade - estabelecendo as primeiras conexões.....	16
CAPÍTULO 2 - A IDEIA DE “ ESPACO” COMO PONTO DE PARTIDA.....	20
2.1 Fronteiras e rotas .....	21
2.2 A ideia de “espaço” como ponto de partida.....	25
2.3 O que os teóricos tem a nos contar.....	29
CAPÍTULO 3 - O ACOLHO DOS IMIGRANTES NO BRASIL.....	36
3.1 O Brasil e seus interesses internacionais.....	36
3.2 Cheguei no Brasil e agora?.....	37
3. 2 A mídia e sua visão sobre a imigração Haitiana.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
Críticas ao acolhimento.....	57
Novas perspectivas da imigração Haitiana no Brasil e sua inserção internacional.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61



## INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira vivencia nos últimos anos diversas levas migratórias que estão sendo regidas por novos paradigmas, refletindo a configuração de novas formas de pensar a sociedade. Com efeito, com base na lei federal 13.445:

*Art. 3º A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes:*

*I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos*

Esses conceitos vêm com a nova Lei de migrações número 13.445 aprovada em 24 de maio de 2017, trazem a nova vertente do Brasil nas suas relações internacionais fortificada consolidando-se como um país promotor e defensor da Declaração dos Direitos Humanos e abrem espaço para que haja voz e cidadania dentro do território. Isso é um reflexo da globalização que após o contexto da segunda guerra mundial, modificou essa noção de espaço e lugar dentro do globo e reforçou os pressupostos de integração internacional da ONU criada em 1948. Com isso, este trabalho de conclusão de curso visa relatar através de uma pesquisa teórica e alguns relatos, aos aspectos que levaram à imigração de haitianos ao Brasil e como se dá dentro de nosso contexto o acolhimento aos que chegam em nosso território. Ele marca os processos de finalização de um longo caminho de aprendizagem que se iniciou com meu ingresso no curso de Ciências Sociais.

No primeiro ano de curso de graduação, as percepções acerca do mundo são afetadas pelas teorias apresentadas no curso de ciências sociais, por isso o aluno tem de aprender a sistematizar o pensamento e encontrar as respostas de suas indagações através dos teóricos. Dentro dessa perspectiva de aprofundamento de questões sociais, busquei desde o ano de 2013 compreender o conceito de “fronteiras”. Pensar as linhas demarcatórias no mapa político, as fronteiras simbólicas e como são as relações dentro das cidades fronteiriças interessavam-me, pois dentro dessas temáticas, muitas abordagens poderiam surgir.

Assim, o interesse pela temática surgiu: Através da Antropologia cultural pude compreender as relações sociais voltadas às redes globais. Como a cultura estava diretamente ligada no espaço e como a história das sociedades perpassam sobre as linhas demarcatórias.

1. O estudo de Fronteiras voltados à geopolítica me ajudaram a compreender os processos políticos e as demarcações que estão impostas sobre o lugar e as relações de poder.
2. Após observar o contexto em dois mil e treze, a imigração haitiana começou a fazer sentido para mim o significado de fronteiras, cultura e poder.

Embora, desde o primeiro ano da graduação o tema escolhido de escolha fosse fronteiras, voltado para o estudo das delimitações espaciais, percebi que existe uma

interface com a antropologia dentro dos estudos atuais de território e fronteiras simbólicas, notadamente com e os fenômenos migratórios que aumentavam na Europa devido à guerra civil nos países árabes, e ao olhar para o Brasil, despertou-me então o interesse pela imigração haitiana, o Brasil já recebia um número de imigrantes haitianos que com o crescimento econômico já vinham trabalhar em algumas regiões, mas desde o ano de dois mil e dez acontecia com maior frequência, pois o Haiti viveu uma triste realidade frente ao terremoto que devastou o país. Neste ano de dois mil e dez, Gomes (2016) afirma que

o primeiro grupo de haitianos chegou em Maringá em 2010, seguidos por outros fluxos migratórios internacionais (dominicanos, senegaleses e outros). Essa população de haitianos vem aumentando progressivamente, e atualmente, estima-se que haja mais de 4.000 indivíduos na região metropolitana de Maringá. Esses grupos estão inseridos em frigoríficos e outras indústrias de grande porte, além do setor de comércio e serviços. (GOMES, 2016).

Muitas questões são discutidas sobre a vinda dos imigrantes haitianos para o país e há uma preocupação acerca da pessoa do imigrante enquanto cidadão, sujeito de direitos e discursos mobilizados por reportagens jornalísticas que os colocam apenas como imigrantes pobres e sem condições de subsistência, com uma vida baseada na precariedade, fortalecendo a ideia de que haitianos chegam ao país somente pelo desastre ambiental de

janeiro de 2010, e essa visão pode produzir ainda mais uma imagem do imigrante haitiano totalmente estigmatizada.

O Brasil é a sétima economia do mundo com uma posição de destaque na Organização das Nações Unidas (ONU), e os dados do ACNUR (O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) têm demonstrado que temos um papel importante na construção de uma política migratória cada vez consolidada através das missões de caráter humanitário, voltando essa posição do país para uma geopolítica estratégica na busca de relações diplomáticas e interesses políticos. Diante do que relatei acima, alguns questionamentos dentro do contexto migratório aparecem como contradições do discurso do Brasil dentro das políticas migratórias, que perpassam a burocracia, a falta de agilidade, nos serviços de apoio aos imigrantes e a população local que mantém discursos diferentes do que realmente expressa. Com essa abordagem, desenvolvo minha problemática mediada pelas relações bilaterais construídas pelo Brasil ao longo de sua história nas relações internacionais, e trago um questionamento: se as relações diplomáticas abre espaço para questionar como essas políticas são colocadas em prática no Brasil, como é efetivado no país o acolhimento de imigrantes e refugiados? Este trabalho de conclusão de curso (TCC) busca apresentar a imigração haitiana no Brasil e seus desdobramentos dentro do acolhimento estatal e não - governamental através de uma análise da tese dos antropólogos Joseph Handerson (2015) e o artigo de Sidney Silva publicado em 2016 pela revista *Estudos Avançados*.

A tese de Handerson (2015) conta a trajetória dos imigrantes haitianos e sua rota de saída do Haiti até a chegar ao Brasil. Portanto, analiso neste trabalho a introdução em que Handerson mostra os desdobramentos sobre a imigração e nos faz refletir sobre como a dinâmica das migrações têm suas especificidades, mas também particularidades que apenas com a etnografia pode-se enxergar. Uma das questões que podemos analisar em sua tese é a construção da *diáspora* haitiana e como o Haiti em toda a sua história de nação teve um contexto de migrações. E, diante dos relatos de Handerson, é errado afirmar que dentro da história da sociedade das migrações haitianas, somente os anos de dois mil e dez para frente foram marcados pelos fenômenos migratórios.

Os discursos que veiculam tal visão enviesada da história definem o terremoto como causa principal dos fenômenos de migração internacional dos haitianos, que a mobilidade foi um fenômeno, entretanto, os discursos construídos reforçando assim uma visão humanitária e vitimizante da *diáspora* haitiana. O antropólogo Sidney Silva traz em seu artigo *Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural*, como se deu essa questão da vida cotidiana do haitiano já estabelecido no Brasil, na cidade de Manaus, e quais são as especificidades das relações sociais construídas na cidade após a chegada dos haitianos nos bairros. Utilizo além dos autores citados acima outros teóricos que visam contribuir para a discussão. Através da leitura dos clássicos e dos autores que trabalham a temática chego à essa problemática, me atentando principalmente

para a estrutura social e de raça no Brasil através da teoria de Holanda (1995) em *raízes do Brasil*, que perpassam essas questões da democracia racial e do homem cordial.

No capítulo 1 faço um relato acerca do pesquisador inicial, e os anseios de se fazer uma boa pesquisa de campo e os percalços que são encontrados no início.

No capítulo 2 há uma discussão acerca do lugar e de sua representação dentro dessa visão migratória perpassando por um debate dentro da globalização, das fronteiras e das rotas.

No capítulo 3 há um questionamento sobre a questão do acolhimento dos imigrantes haitianos no Brasil, e como a sociedade tem visto a figura do imigrante dentro da sua realidade com base nas pesquisas de Handerson (2015) e Silva (2016) e alguns relatos. Também há uma discussão sobre as reportagens jornalísticas veiculadas a partir do ano de 2013, e como são descritas os imigrantes pelos meios de comunicação.

No capítulo 4 aborda-se as considerações finais acerca da imigração haitiana e um breve relato acerca dos novos desdobramentos do contexto imigratório.

## **CAPÍTULO 1**

### **MANUAL DO PESQUISADOR NEÓFITO**

O objetivo deste capítulo é relatar sobre as dificuldades e anseios que um pesquisado em fase inicial da carreira acadêmica encontra em sua pesquisa. Analisando assim, alguns conceitos para que as pesquisas atinjam seu alvo final. Desde o início da graduação, nas disciplinas de metodologia de pesquisa, escutamos que toda pesquisa tem que começar com as seguintes indagações de porque, onde, quando, quanto e para que eu preciso fazer a pesquisa? Qual é o problema de pesquisa de fato? As percepções em campo nem sempre trazem o que queremos ver. Logo, durante os levantamentos de trabalho de conclusão de curso I, o método inicial foi tentar encontrar as bibliografias completas sobre a imigração haitiana e que compreendiam as fronteiras geográficas e as cidades fronteiriças. Essa primeira parte foi estável, pois o tema das migrações perpassa por vários autores dentro da antropologia. O intuito era fazer um levantamento expressivo sobre imigração haitiana e ler o que fosse possível para que ao escrever já estivessem adiantados os conhecimentos das bases teóricas. As primeiras dificuldades chegaram quando não conseguia definir qual autor ler primeiro, pois havia uma amplitude de temáticas que eu precisava delimitar logo a frente De fato, existiam várias faces a serem abordadas pelos pesquisadores, como as relações sociais nas cidades, a nova configuração que a imigração traz consigo, os impactos na vida dos moradores locais das fronteiras, a nova formação das redes, entre outras. Desde o ano de dois mil e treze (2013), manifestei um interesse pela

pesquisa antropológica sobre as migrações, o tema era amplo e ajudava a argumentar sobre diversas questões da mobilidade no mundo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, me sentia presa nas dúvidas sobre por onde partir e o que escrever. Desde o início, a etnografia era o foco, porque me parecia que esse método antropológico permitiria chegar ao contexto mais íntimo da pesquisa, abordando o viés do haitiano sem deixar lacunas e sim, questionamentos. E ao começar a estudar os haitianos, parti para a busca de enxergar quais foram às particularidades que desencadearam as migrações entre Brasil e Haiti. As respostas que me aparecem no início acerca da imigração haitiana partiram de uma definição enviesada acerca do contexto, a leitura das reportagens foi constante, sabia que havia no Acre um movimento muito grande de imigrantes, assim encontrei um motivo.

É essencial ao estudante ter um método inicial de pesquisa, mesmo que os resultados da etnografia não sejam o esperado, deve-se obter um meio de contato inicial com o seu tema, pois as minhas reflexões sobre a imigração haitiana ficou nos primeiros meses no campo das ideias, havia um interesse muito grande em relatar sobre as fronteiras políticas e sociais, o papel do estrangeiro no país e de sua chegada, mas faltava coragem de aprofundar e sair do campo das deduções. De acordo com Marconi (2011), existem as fases da pesquisa e compreende seis passos:

1. Seleção do tópico ou problema para a investigação, 2. Definição e diferenciação do problema; 3. Levantamento de hipóteses de trabalho; 4. Coleta,



sistematização e classificação dos dados. 5. Análise e interpretação dos dados; 6. Relatório do resultado da pesquisa. (MARCONI, 2011, p. 2)

O pesquisador inicial precisa observar atentamente que o momento de seleção é um dos mais importantes da pesquisa. Na página 11, Marconi aborda que a escolha do tema parte de uma busca pelo objeto que frequentemente deve ser revisto. Ela segue dizendo que essa escolha deve ser baseada em fatos “que mereçam ser investigados cientificamente e tenham condições de ser formulados e delimitados em função da pesquisa.” (MARCONI, 2011, p.11).

Com base nos relatos dos autores lidos, delimito meu tema, mas errei nas primeiras deduções sobre os motivos da imigração haitiana no país, inicialmente, achei que eram por questões de pobreza e situação socioeconômica, principalmente após ler as reportagens que a mídia noticiava. Ao afirmar algo, sem ter tido o contato com a teoria e o trabalho de campo, tendo a colocar as minhas deduções/conclusões como uma visão verdadeira sobre o tema. Lakatos (1991) cita que,

O senso comum tende a considerar o fato como realidade, isto é, verdadeiro, definitivo, inquestionável e auto-evidente. Da mesma forma, imagina teoria como especulação, ou seja, idéias não comprovadas que, uma vez submetidas à verificação, se se revelarem verdadeiras, passam a constituir fatos e, até leis. (LAKATOS, 1991, p. 114).

Assim, como pesquisadora inicial, continuei com essa mesma visão sobre a realidade, porque ainda não tinha o contato com o campo, o senso comum tem um papel importante porque são saberes populares que remetem ao cotidiano, e um pesquisador deve compreender o que lhe é passado como fonte de investigação. Não devemos desprezar a visão de quem utiliza do senso comum para falar sobre determinado assunto, mas dentro de um tema tão expressivo, devemos tomar cuidado com as verdades que universaliza os fatos, e o estudo antropológico distingue essa categoria de pensamento entre o senso comum e as categorias analíticas constituídas teoricamente, porque a antropologia tem um objeto de estudo que através de um método legítimo de pesquisa, a etnografia consegue analisar profundamente todos os fatos, sendo este fato uma ferramenta de análise.

Na pesquisa etnográfica, a dedução é o primeiro passo para uma pesquisa antropológica, mas pode ser prejudicial quando acompanhada de preconceitos porque perpassa vários campos perigosos para o enviesamento da pesquisa, ou seja, valorizam-se os ‘achismos’, com frases que, por exemplo, reforçam preconceitos e sentimentos à pessoa do imigrante, voltados à compaixão e a determinismos sociais, por exemplo, pensamentos como: ‘eu acho que o imigrante haitiano chega ao Brasil por causa do terremoto de 2010 apenas’, ‘eu acho que imigrante haitiano que chega ao Brasil vem aqui porque é pobre e quer ascender socialmente’.

Comecei a aprofundar no tema da imigração haitiana, me baseei nas leituras das reportagens jornalísticas, desenvolvi minha hipótese inicial e ao olhar somente para a

questão da pobreza, da desigualdade social e da condição social do imigrante, pensava: “o imigrante haitiano chega ao Brasil devido ao desastre que ocorreu em 2010 e pela pobreza, a falta de acesso aos recursos adequados...”. Com pensamentos voltados à condição do imigrante, não enxergava o que realmente havia por trás da vinda deles ao Brasil e nem do tipo de sociedade que se formava o Haiti, sua cultura, a política, os principais meios de geração de riqueza, como se estruturava a sociedade e a demografia do país.

Muitos pesquisadores iniciais não conseguem sair do campo das ideias, imaginando o que deveria ser, e já criando hipóteses que prejudicam a visão específica sobre a pesquisa, nesse caso, inicialmente, os grupos de haitianos que chegavam ao Brasil eram exatamente como as reportagens demonstravam.

### **1.1 A nossa preguiça de cada dia.**

Pensar o tema remete a um tempo maior de análise, e durante as atividades cotidianas, lia algumas reportagens que surgiam na *internet*, principalmente as que retratavam a situação da chegada do imigrante haitiano em Brasília/AC. O pesquisador inicial deve ter a noção de gerenciamento do tempo, em que durante o processo de escolha do seu tema-chave haja uma atenção maior sobre os novos desdobramentos que surgem sobre a questão. Sabia todos os dias que essa discussão sobre fronteiras era necessária, e na sala de aula, principalmente nas disciplinas de antropologia, palavras-chaves como, por

exemplo, fronteiras simbólicas, espaço, usos e do espaço, inundavam a minha mente e me instigaram a pesquisar mais. E conforme os questionamentos se aprofundaram, também tinha as minhas atividades da universidade, correr contra o tempo em uma rotina diária de leituras e atividades universitárias, foi um grande desafio.

Mediante o tempo ia passando na graduação, conheci muitos termos sobre fronteiras e migrações. Aprofunda os estudos teóricos sobre as noções chave do estudo é muito importante para compreender o rumo que sua pesquisa quer dar, principalmente na formação das hipóteses. Lakatos (1991, p.115) diz que “a teoria serve como orientação para restringir a amplitude dos fatos a serem estudados”. A autora em seu livro segue afirmando que é importante evitar as generalizações (p. 116).

O aluno chega à universidade com seus sentidos comuns enraizados e começa-se a busca da grande desconstrução; não parto aqui do discurso da construção sociológica e nem da imaginação sociológica, mas dos deveres dos alunos enquanto estudantes. O acadêmico de graduação chega encontrando um mundo novo, cheio de expectativas e tem um choque de realidade, compreendendo que para se tornar um pesquisador, ele deve saber que a vida no mundo da teoria é exigente, demanda disciplina, tempo e organização. Existe uma burocracia em relação às regras, a gestão do tempo, com uma agenda de provas, trabalhos, artigos e seminários.

Mas como todo aluno de graduação já passou por isso, a gama de disciplinas obrigatórias ofertadas demandam uma rotina de leitura maior, exigindo que o acadêmico de

graduação passe por determinados estresses ao longo de sua jornada. Quem quer fazer pesquisa, precisa lidar com a pressão.

Mas um ponto fundamental para o pesquisador inicial que chamo atenção aqui é a falta de motivação semanal que toma conta dos nossos corpos pensantes dentro da academia. Com a demanda de teoria, o pesquisador inicial em determinados momentos, não se sente motivado a pesquisar os temas fundamentais para que sua pesquisa caminhe. Não se faz pesquisa cansado, há toda uma rotina a ser respeitada, o corpo tem as suas demandas e isso exige de quem quer se aventurar no campo das pesquisas, um autoconhecimento de suas habilidades e que não ultrapasse limites físicos e emocionais para chegar rápido aos resultados, por isso, a influência negativa na compreensão do que é proposto e nos resultados finais. O pesquisador tem que conhecer a si próprio e o uso das ferramentas corretas que satisfazem suas expectativas, nem todo método pode dar certo e nem todas as indicações da academia vai ser o correto para a pesquisa, isso demanda percepção e disciplina e um bom uso da teoria a ser utilizada na prática, com boas ferramentas que ajudam a enfrentar os desafios da pesquisa.

## **1.2 Os anseios de ser um bom pesquisador**

Tendemos a achar que sabemos tudo sobre determinado assunto, mas erramos. Portanto, ao querer delimitar o tema de acordo com a nossa vontade, sem compreendermos

o significado que aquela pesquisa tem para nós como pesquisadores e a relevância social em que se aplica, em que e a quem vai impactar. Não é uma tarefa difícil explicar nossas preferências sobre determinado tema, claro, que em muitos casos, o pesquisador escolhe temas complexos que dificulta o levantamento bibliográfico ou temas que fogem da realidade social, abstratos. Mas, na maioria dos casos, pode-se compreender que o pesquisador inicial prefira temas que são de seu gosto pessoal.

Marconi e Lakatos, e tantos outros teóricos da metodologia científica já nos alertavam sobre isso. Quando comecei a desenhar as vontades de fazer pesquisa, os problemas com a teoria surgiram como um “barulho teórico” na mente que confundem. Ao pesquisar um tema de seu gosto, surgem várias questões em sua mente e você não consegue parar de pensar em várias alternativas para chegar a um fim<sup>1</sup>. Sendo o levantamento teórico, um dos primeiros métodos de pesquisa para chegarmos a uma boa hipótese sobre o tema, devemos nos concentrar para que enxerguemos a visão principal dos autores, sem medo do debate e discordâncias, compreendendo os conceitos. Pior que uma pesquisa enviesada, é um argumento mal interpretado.

### **1.3 Uma pesquisa ruim é uma pesquisa mal feita**

---

<sup>1</sup> Não li na literatura falando sobre esse termo “barulho teórico”, usei essa expressão para exemplificar a confusão que nos toma ao lermos um autor, e de repente ele cita vários autores e acabamos encontrando outros teóricos que refutam aquela obra que você está consultando. Como pesquisador inicial tendemos a nos perder, pois são várias teorias ao mesmo tempo!

Ao ter uma base teórica sobre o tema e escrever, as críticas construtivas que recebemos sobre o trabalho de pesquisa, geralmente, vem de nosso primeiro avaliador – orientador dentro da graduação, nossos professores das disciplinas, que como um mentor trazem à tona nossas deficiências quanto pesquisadores iniciais. O aluno deve aproveitar os trabalhos escritos para desenvolverem suas habilidades. Tende-se então a cair em depressão teórica, pois nenhum resultado de pesquisa vem rapidamente. O aluno quando recebe uma crítica tende a jogar aquele esboço fora ou esquecê-lo na gaveta de seu quarto sem ao menos dar mais atenção ao problema proposto por ele. Mas, um passo para o pesquisador inicial, quando o tema tem relevância social e acadêmica é a persistência. Foi assim com essa persistência que cheguei ao tema da imigração haitiana.

Outra questão importante a ser observada pelo pesquisador inicial são os primeiros contatos em campo para que se tenha uma boa visão sobre o seu objeto de pesquisa. Ao apresentar um trabalho num congresso em Goiânia em dois mil e quinze (2015), conheci um haitiano no hotel que me contou sobre sua vinda ao Brasil, ele trabalhava na construção civil e queria trazer sua família. Naquele momento, houve um reforço das minhas convicções acerca da pesquisa, pois ele foi uma chave e uma motivação para continuar seguir adiante. A lição que fica é que o aluno não deve desvalorizar pequenos momentos, guarde-o, pois ali pode estar surgindo uma grande pesquisa para mudar as estruturas.

#### **1.4 Expectativas versus realidade – estabelecendo as primeiras conexões**

Após pensar e ler três anos sobre o tema das migrações, começou em dois mil e dezesseis (2016) o foco nos estudos da imigração haitiana, e chegou a hora de escrever o pré-projeto. Inicialmente, escrevi um trabalho completo, com um cronograma bem definido e objetivos claros, mas os orientadores apontaram em suma muitos erros. Durante os quatro meses de orientação tentaram delimitar o tema até que eu enxergasse uma particularidade dentro da imigração haitiana, sendo ampla esta temática. Finalmente fiz um recorte e cheguei ao acolhimento. No início tinha o interesse de falar sobre vários assuntos, como o fluxo migratório, geopolítica, ir até a cidade de Brasília a fim de fazer pesquisa de observação participante, mas o projeto era ambicioso e apelava para condições de trabalhos que são as que podemos encontrar no mestrado e não na graduação. Apesar da crítica recebida do pré-projeto, obtive um bom retorno acerca da estrutura que montei para escrevê-lo, mas como ainda estava em uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso, demandaria mais do que eu poderia realizar.

Ao escrever, houve um empolgamento com a possibilidade de ir para Brasília, ficar na cidade fronteira uns meses para fazer a observação participante, entrevistar as pessoas e voltar com meu trabalhos de conclusão de curso pronto para ser defendido. Esbarrei em uma questão importante que devemos pensar ao desenvolver o projeto, a falta de recursos!

Em um momento de turbulência nacional, em que a crise econômica e política afetam as universidades, o projeto necessitava de no mínimo uma bolsa para ajudar nas



despesas, repensei novamente em todos os meus pressupostos, o projeto tornou-se inviável economicamente. Com as mudanças, delimito novamente o meu tema para pesquisar em lugares onde os haitianos se encontravam em Minas Gerais, após uma pesquisa densa nas redes sociais, encontrei o **Centro Zanmi** em Belo Horizonte e a **Missão Paz** em São Paulo, começo então a desenhar novamente o pré-projeto com a pesquisa de campo nas duas cidades.

A procura pelo tema é dificultosa e a falta de recursos continuou durante todo o processo da pesquisa. Assim, como pesquisadora inicial busquei fazer um projeto de trabalho de conclusão de curso que condissesse com a minha realidade, não tínhamos dinheiro, então não poderia ir e ficar nas cidades por muito tempo para fazer as observações. Diante das dificuldades, visitar o Centro Zanmi e a Missão Paz em São Paulo tornou-se insustentável, porque geraria muitos custos, reformulei o projeto e através das análises das etnografias feitas por outros antropólogos, cheguei à conclusão de que já havia muitas pesquisas sobre a “rota” que os imigrantes haitianos faziam até chegarem ao Brasil. Com um novo tema, um novo olhar também surgiu sobre as etnografias e os documentos que lia, decidi então que já estava na hora de ouvir os autores e os responsáveis por este acolhimento.

Me dediquei assim ao desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica a partir de estudos já realizados sobre a imigração haitiana no Brasil. Os principais trabalhos analisados foram Handerson (2015) e Silva (2016), através de seus relatos detalhei a chegada e quais eram os primeiros contatos dos imigrantes. Percebi como disse acima, que nas etnografias e

artigos feitos já havia uma delimitação completa desse tema, acerca da “rota” do Haiti até o Brasil, todos citavam os nomes dos responsáveis que ajudavam na moradia e na abertura de documentação, havia muitas pesquisas falando sobre a saída deles de Manaus e migrando para outros estados brasileiros. Queria algo novo, ir para Brasília e encontrar novos questionamentos, mas devido à falta de recurso para viajar, comecei a prestar atenção nos promotores do acolhimento aos haitianos no Brasil, nas pessoas que cuidavam de toda documentação, e que estavam à frente de ajudar os haitianos que aqui se estabeleceram, logo, finalmente foi possível encontrar um tema de pesquisa final, só precisava agora aprimorá-lo.

O primeiro teórico a contatar foi o professor Joseph Handerson, ele aceitou minha solicitação no *facebook* e ficamos a conversar pelas redes sociais. Tivemos nossa primeira conversa por *Skype* e depois de problemas com o notebook partimos para o *videocall* do *Facebook*, onde também houve problemas com a conexão, conseguimos conversar apenas por áudio. Nessa pequena conversa sobre a sua tese da imigração haitiana escrita em dois mil e treze (2013), mudou totalmente a visão sobre o que era a imigração haitiana e encontrei um novo modo de enxergar a diáspora.

Consegui entrar em contato com o **Centro Zanmi**, que se localiza na cidade de Belo Horizonte-MG, uma organização não-governamental de apoio e acolhimento. Logo iniciei uma conversa com a jornalista responsável pela comunicação externa, foi difícil fazer isso na época de férias e nossa comunicação se tornou mais efetiva a partir de março de 2017. No início toda comunicação acontecia por *e-mail* e através do *Facebook* foi

possível encontrar uma rede de associações de haitianos em Belo Horizonte, onde líderes tratavam de várias questões de interesses dos imigrantes que se estabeleciam no Brasil, e essa rede de contatos eram muito importantes para perceber o quão já estavam articulados. Com o **Centro Zanmi** não consegui informações mais detalhadas, marcamos uma conversa por *Skype* mas devido a uma grande chuva em Belo Horizonte naquele dia, a conexão com a internet ficou ruim e não conseguimos conversar. Enviei as perguntas por *email* para a resposta e alguns dias depois recebi apenas três respondidas, sendo que como o acolhimento é um assunto delicado para muitos haitianos, eu não pude ter os dados completos que pedi na pesquisa.

Através desses contatos, foi possível estabelecer uma conexão com o mundo da imigração haitiana localmente, e fortalecendo essa visão das redes formadas pelos mesmos nas cidades que representavam os seus principais destinos. Relatar como cheguei ao **Zanmi** e na **Missão Paz** é importante para que compreendamos os processos de acolho ao imigrante haitiano e como não é fácil chegar ao imigrante haitiano sem os órgãos não-estatais.

Concluo essa parte sobre o orgulho inicial das possibilidades reais de se fazer a pesquisa, pois tracei um plano perfeito para chegar aos haitianos e conseguir fazer a melhor observação participante, fazer pesquisa é como a caça ao tesouro, você cava o buraco mais profundo e mesmo encontrando o baú, descobrirá que não tem a chave e precisa de meios para abrí-lo, começa assim uma nova jornada com novos questionamentos. Os percalços, a falta de recursos, a falta de preparo e as condições de trabalho fazem com que o

pesquisador inicial tende a reavaliar suas expectativas e quais os mecanismos que fazem a diferença em sua execução. Não enxergava as dificuldades até passar por elas, o nervosismo que enfrentei quando a *internet* ou o gravador não funcionou e a falta de um roteiro bem delineado, o pesquisador inicial deve estar atento a esses detalhes para que não caia em suas próprias ciladas.

## **CAPÍTULO 2**

### **A ideia de “espaço” como ponto de partida**

Retratamos aqui, a noção de espaço que remete à questionamentos da dinâmica e da complexidade que parte desta ideia de “espaço”. Com isso, Santos (2008) aponta que,

o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a vida social. (SANTOS, 2008, p. 34)

Diante desse questionamento, observamos que a dinâmica social está totalmente atrelada ao contexto espacial, voltado para o que Santos (2008) argumenta, para a totalidade do lugar. Para dimensionar essas questões que abordo neste trabalho de conclusão de curso, através dos mapas abaixo, abro este capítulo chamando a atenção para essa complexidade que remete ao espaço, sendo assim, o objetivo deste capítulo é discutir o

espaço como um lugar que tem uma dinâmica, como revelam os autores Santos (2008) e Ianni (1997), movimento e uma pluralidade cultural permeada por vários fatores que reforçados na globalização e no desenrolar da história social contemporânea tem outras características.

## **2.1 Fronteiras e as rotas**

As rotas revelam dentro da imigração haitiana, o sentido da *diáspora* para os imigrantes haitianos, quando Handerson (2015b) relata a sua experiência etnográfica, deixa claro para o leitor que as relações sociais e a comunicação interna dentro dos caminhos até o Brasil fazem a dinâmica e as tensões que é uma das características do fluxo imigratório. De acordo com a tese de Handerson (2015b) os haitianos já tem suas redes formadas, contatos já pré - estabelecidos com pessoas que já saíram do país e encontram - se em caminho do Brasil como um país “corredor” como ela aponta e ou como um país de permanência.

## Mapa 1. A situação geográfica do Haiti



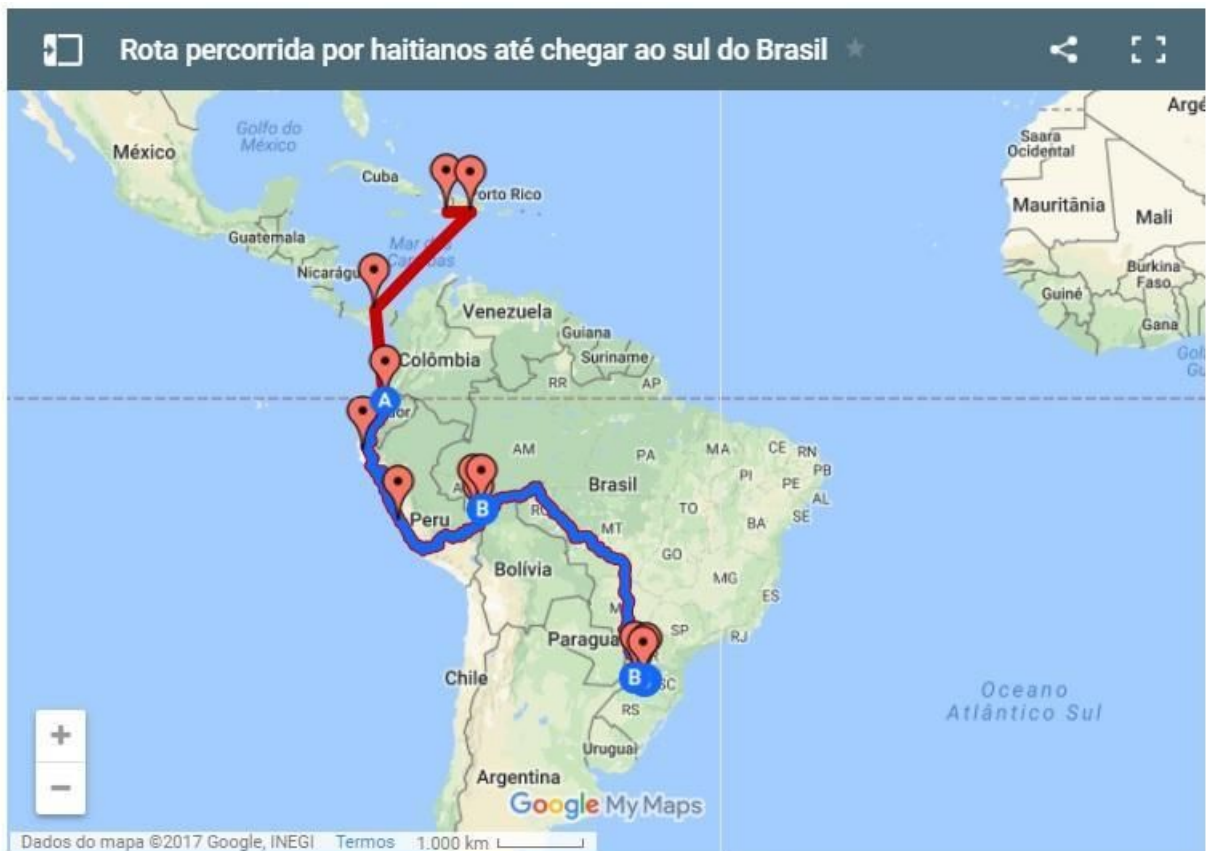
Fonte: [https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook//graphics/ref\\_maps/political/jpg/central\\_america.jpg](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook//graphics/ref_maps/political/jpg/central_america.jpg)

O mapa 1.a faz referência a localização do Haiti, através deste gráfico mostro o início da jornada dos haitianos até o Brasil. Handerson (2015) esclarece em sua tese etnográfica os pontos de contato na República Dominicana, no Peru, entre outros países

sul-americanos e a ida de muitos Haitianos para a Guiana Francesa. Também podemos perceber uma tensão entre os países que constituem as Américas, pois, as fronteiras da rota da imigração haitiana são complexas, a passagem firma critérios burocráticos, mas abrem uma discussão sobre a diplomacia brasileira e o tratamento do imigrante nas fronteiras estabelecidas.

Aqui podemos observar a rota que caracteriza a permanência dos imigrantes no Brasil, e depois a escolha para as diversas cidades do país. O sul do país é uma grande escolha dos imigrantes devido essa questão da oferta no setor de serviços.

**Mapa 2. Uma rota migratória dos haitianos**



Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/rota-dos-haitianos-para-o-brasil-os-perigos-no-caminho/>

No mapa 1.b podemos observar a rota dos imigrantes que saem do Haiti, o mapa retrata a chegada pelo Amazonas e o caminho que traçam até o sul do país, no contexto atual, os haitianos têm-se estabelecido em várias regiões do Brasil. Em Minas Gerais, a



maior parte dos haitianos concentram - se na região metropolitana de Belo Horizonte e há um número crescente que estão se instalando em cidades do interior. O Brasil configura também um país de permanência, mas ainda é um local de passagem para países como Suriname e Guiana Francesa. Essas rotas migratórias que levam os Haitianos do país de origem até o Brasil devem ser apreendidas dentro do contexto complexo da globalização. Um dos autores que ajudará a trazer algumas luzes sobre o amplo cenário mundial dentro do qual se insere a minha discussão é o Milton Santos.

## **2.2 O espaço como ponto de partida.**

O espaço é um ponto de destaque dentro da antropologia sendo um dos meio de analisar como as pessoas o usam para além da convivência, dos papéis desempenhados, dos momento de lazer, de reflexão e no convívio social. Essa discussão parte de uma complexidade que é vista por Santos (2008) ao abordar a totalidade que revela o lugar, de acordo com ele:

a totalidade da vida social que o espaço reproduz são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas, sendo que o espaço reproduz a si mesmo no interior dessa totalidade remetendo assim a um componente fundamental da totalidade social em que completa remetendo a ideia de movimento. (SANTOS, 2008)

As reflexões de Santos nos levam a pensar juntos as categorias de espaço de vida social e de espaço geográfico. No caso do nosso estudo, essa ideia de construção cultural do

espaço geográfico como espaço de vida social pode nos esclarecer sobre as migrações no Brasil e ajudar a problematizar o lugar do estrangeiro dentro da cultura brasileira. Estando em constante movimento, dentro de um mundo globalizado, observamos que é complexo pensar o lugar das fronteiras nacionais nas concepções de um mundo globalizado. Para mergulhar nessa reflexão, temos que interpretar o sentido de sociedade. Se essa totalidade do lugar ancorada num território nacional estatal tem a ver com nosso convívio social, o que entendemos então por sociedade? Elias (1994) no início do seu livro nos traz uma visão bem interessante, de acordo com o autor:

a sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China formam um tipo de sociedade composta por muitas pessoas individuais, na Europa do século XII era diferente da encontrada nos séculos XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos.” [...] pelo menos, é impossível constatar que qualquer pessoa dos séculos XII ou mesmo XVI tenha conscientemente planejado o desenvolvimento da sociedade industrial de nossos dias. Que tipo de formação é esse, esta “sociedade” que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos? Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular.” (ELIAS, 1994, p.13).

As provocações de Elias são um ponto de partida para pensar a sociedade no sentido mais complexo das relações sociais e da definição de um espaço no qual ancorá-la. Se todos compõem a mesma sociedade, porque o acesso à sociedade (nacional) e ao território

(estatal) que foi definida para a mesma permanece fechado para alguns (os “Outros”, os estrangeiros), sendo que não existe sociedade sem essa construção do espaço geográfico

co que abarca todo indivíduo? Elias (1994) já nos alertava acerca das transformações que começam dentro do espaço e que o contexto é de que todos nós, como fala o autor, de certo modo, construímos o que hoje chamamos de sociedade. Santos (2008) é bem abrangente ao citar essa questão do espaço como totalidade da vida social e Elias (1994) de certa forma concorda com ele quando analisa essa transformação oriunda das questões do indivíduo como um ser que transforma o espaço.

A modernidade trouxe uma visão diferenciada da pluralidade da cultura reforçada por essa visão global de mundo, podemos assim concluir que o espaço é um local recheado de experiências culturais que se modifica conforme as mudanças do indivíduo, da sociedade. Elias e Santos são otimistas enquanto o lugar/espaço como transformação, mas deve-se pensar que há atualmente uma nova realidade da globalização, de acordo com Santos (2008) “a globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos.” (SANTOS, 2008, p. 145). Como o próprio autor cita em seguida em seu texto há uma “nova fase da história humana” (SANTOS, 2008, p.145). Essa nova fase da modernidade globalizada também é explicada por Ianni (1997), de acordo com ele

desde que se acelerou o processo de globalização do mundo, modificaram-se as noções de espaço e tempo. A crescente agilização das comunicações, mercados, fluxos de capitais e tecnologias, intercâmbios de idéias e imagens, modifica os parâmetros herdados sobre a realidade social, o modo de ser das coisas, o andamento do devir. As fronteiras parecem dissolver-se. As nações integram-se e

desintegram-se. Algumas transformações sociais, em escalas nacional e mundial, fazem ressurgir fatos que pareciam esquecidos, anacrônicos. Simultaneamente, revelam-se outras realidades, abrem-se outros horizontes. [...] No âmbito da sociedade global, as formas sociais do espaço e do tempo modificam-se e multiplicam-se. Dado que a globalização articula, tensiona e dinamiza configurações sociais locais, nacionais, regionais, internacionais e transnacionais, multiplicam-se as possibilidades do espaço e do tempo. [...] Deslocam-se pontos e lugares, ritmos e andamentos, modos de ser e devir.” (IANNI, 1997, p. 167/168).

É neste ponto que quero chegar para explanar sobre o contexto do meu trabalho de conclusão de curso e Ianni (1997) ajuda a reforçar a ideia de espaço como totalidade social e um lugar de transformação do indivíduo que Elias traz em seu livro. Assim, os imigrantes, aqueles que não pertencem a um único espaço territorial estatal e nacional, também estão inseridos dentro dessa totalidade social e desse processo de globalização que transforma o espaço, pois como Ianni demonstrou, não existe mais um lugar único, há sim, uma tensão, uma dinâmica do espaço, que é a questão do movimento que Santos (2008) expõe em seu livro.

A partir do instante em que essa dinâmica do espaço, citada por Ianni (1997) dissolve o lugar (nas suas concepções engessadas), funde-se uma nova configuração de se pensá-lo, e criam-se como ele diz, “novas formas sociais de espaço tempo.”

São múltiplas, novas e recriadas, as formas do espaço e tempo desvendadas pelos desdobramentos da globalização: o local e o global, o micro e o macro, a homogeneidade e a diversidade, a primazia do presente e a recriação do passado, a contemporaneidade e a não- contemporaneidade, o norte e o sul, o Ocidente e o Oriente, o real e o virtual, a experiência e o simulacro, a desterritorialização e a miniaturização, a mensagem e o vídeo-clipe, a velocidade e o instante, o fugaz e o silêncio.” (IANNI, 1997, p. 167/168).

E como há uma nova dinâmica dentro do espaço, as relações de poder e hierarquia que surgem como marcadores desse espaço, em que conflitos entre grupos culturais aparecem com mais evidência, que pode ser analisado com vários olhares, dentro da imigração haitiana, como o modo em que os estrangeiros no Brasil são tratados pela sociedade civil e como cada um enxerga o migrante. Se no mundo de hoje, essa visão de um território fechado já está se dissolvendo como Ianni (1997) deixa claro em seu texto, então que tipo de sociedade plural estamos construindo no Brasil com relação ao imigrante? Gostaria de confrontar essas análises teóricas e otimistas sobre o mundo globalizado com as questões do acolhimento dos haitianos no Brasil.

### **2.3 O que os teóricos têm a nos contar? Os espaços migratórios dos haitianos**

#### *2.3a Diáspora e a chegada no Brasil - Handerson (2015)*

O antropólogo e professor Joseph Handerson é haitiano e concluiu sua tese de doutorado no Museu Nacional no Rio de Janeiro, e aqui vamos fazer uma análise aprofundada da introdução em que o autor faz uma etnografia, descrevendo os caminhos que o levaram as particularidades dentro do fluxo imigratório haitiano. O que chama a atenção é o modo como ele detalha as particularidades e os contatos encontrados na sua caminhada durante a pesquisa. Handerson faz lembrar Geertz em a *Interpretação das Culturas*, que relata a sua vivência na pesquisa em Bali ao estudar as rinhas de galo, esse mergulho na cultura que possibilitou enxergar profundamente as particularidades e ao

mesmo tempo realçar essa visão da pesquisa etnográfica que precisa estar dentro do contexto é, nesse caso, o mergulho no mundo do imigrante haitiano e se sentir parte dele. Sendo também haitiano, Handerson consegue descrever a diáspora haitiana sem descaracterizar o caráter antropológico, pois ele tem já sobre si uma experiência pessoal de viver no Brasil e ser parte dessa diáspora, mas, ao mesmo tempo, seus olhares tinham que se concentrar no fazer antropológico, na pesquisa de campo.

Handerson (2015b, p.68), aponta que “do início do século XX até os dias atuais, os processos de mobilidade internacional haitiana podem ser resumidos em quatro grandes fluxos em períodos diferentes.” Esses fluxos analisados pelo autor explicam que o Haiti passou por vários processos de transformação dentro de sua estrutura enquanto país, e que um novo fenômeno da diáspora haitiana a partir de 2010. Segundo Handerson:

O primeiro grande fluxo de mobilidade de haitianos para o exterior constitui-se no período no qual as forças armadas americanas ocuparam Haiti (1915-1943) e República Dominicana (1912-1924) simultaneamente.

O segundo fluxo de migração haitiana inaugura-se quando os Estados Unidos se tornaram mais familiar no universo haitiano. No plano cultural, no Governo `Elie Lescot (1941-1946), o inglês tornou-se obrigatório no sistema educacional do país e cresceram significativamente as igrejas protestantes americanas. Na década de 1950, a elite haitiana mandava seus filhos estudarem nos Estados Unidos e alguns dos agricultores que já haviam residido em Cuba ou na República Dominicana viam os Estados Unidos como uma nova possibilidade para emigrar.

Um terceiro fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se na primeira metade da década de 1990. No contexto do golpe de Estado e da deportação do

ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, aproximadamente 46.000 *boat people*<sup>2</sup> foram interceptados em alto-mar e conduzidos aos campos de detenção de Guantánamo Bay em Cuba. Alguns ficaram presos por mais de um ano.

O quarto registro de mobilidade haitiana iniciou-se a partir de 2010. Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área de saúde e saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro de empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeito e circuitos no espaço migratório internacional. (HANDERSON, 2015b, p. 69-73).

Diante do contexto apresentado por Handerson, os discursos humanitários criados em relação à pessoa do haitiano se apresentam como parciais ao serem voltados para um discurso da pobreza, da situação social do imigrante. O que devemos refletir são os diferentes contextos dessa imigração, quais são as pessoas que imigram do Haiti para o Brasil, quais eram seus relacionamentos sociais em seu país e como isso se deu no Brasil, qual era a renda e a posição social econômica que a pessoa mantinha e os desdobramentos de seu deslocamento. Haja vista que nos relatos de imigrantes em documentários e nas pesquisas de campo, muitos em questão tinham ascensão social no Haiti, falam várias línguas e também diploma universitário. Voltaremos ao assunto mais adiante.

---

<sup>2</sup> Handerson na página 72 explica que é um fenômeno do segundo fluxo migratório e que os *boat people* e “são viajantes haitianos embarcados em direção a Miami ou às ilhas caribenhas como Bahamas, Grand Turck, incluindo Cuba, dentre outras, para alcançar Miami. (HANDERSON, 2015, p.72).

### *2.3 a Um novo olhar dentro do acolhimento - Silva (2016)*

O norte do Brasil foi palco de um intenso fluxo imigratório, que desde 2013 traz a pauta das migrações, tanto nas políticas públicas do Brasil quanto nas relações da política externa brasileira, frente aos agentes reguladores dos direitos humanos no mundo, como a ONU. Assim, várias cidades do Norte receberam um grande número de imigrantes, cidades fronteiriças como Brasileia no Acre, por exemplo. O antropólogo Sidney Silva, professor da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em seu artigo “Entre o Caribe e a Amazônia: haitiana em Manaus e os desafios da inserção sociocultural”, fez um levantamento sobre a vida dos haitianos já inseridos no contexto da cidade. De acordo com o autor “Manaus não parecia fazer parte do imaginário migratório que fora construído ainda no Haiti ou República Dominicana, um dos principais locais de partida” (SILVA, 2016, p.139). Detalha também em seu artigo que o trabalho de campo foi realizado “junto a Pastoral do Imigrante e moradores manauaras e haitianos que vivem no bairro São Geraldo, zona Centro-sul da cidade” (SILVA, 2016, p.139).

Silva (2016) traz essa visão da inserção sociocultural do imigrante em que detalha a vida e as questões de emprego, ele escreve sobre a rota do haitiano e como ele chega a se estabelecer em Manaus após o acolhimento. E é através do texto de Silva (2016) que, no próximo capítulo, complementarei esse trabalho de conclusão de curso, reiterando os questionamentos sobre o acolhimento e a permanência dos imigrantes haitianos na cidade, sobre o pós-acolhimento aos haitianos na cidade de Manaus, a permanência na cidade, bem



como a reação das pessoas do bairro retratado no texto em relação à presença do imigrante e como as relações sociais se constroem dentro dessa visão de homem cordial que temos.

#### **2.4 A construção sociocultural do espaço nacional brasileiro como contexto.**

A construção histórica do Brasil abriu uma discussão para os conflitos culturais e sociais que desenharam o que hoje chamamos de nação brasileira. Desde os primórdios, a questão da formação da sociedade nacional integrou o debate sobre a presença dos migrantes, desenvolvendo teorias idealizadas sobre a relação aberta com os estrangeiros que há no Brasil, sobre sermos uma sociedade que convive e se relaciona bem com todas as expressões e etnias. Essa questão da integração cultural pode ser reforçada com o mito da democracia racial que foi teorizado entre outros por Gilberto Freyre (2005) e permitiu ter uma visão enviesada sobre os tipos de conflitos entre os grupos que existem dentro da nossa sociedade.

Sendo a globalização como já expôs Santos (2008) e Ianni (1997) algo que tem movimento, ou seja, dinâmico, podemos pensá-la como novo contexto social, cultural e político dentro do qual esses ideais de sociedade brasileira aberta e acolhedora são redefinidos. Se trata aqui de problematizar esses pontos a partir do tema do acolhimento dos imigrantes haitianos e as relações de poder que o atravessa.

No contexto da globalização, as políticas internacionais brasileiras são planejadas de forma a divulgar e reforçar a imagem do Brasil como país acolhedor, país "de todos" na cena geopolítica mundial. Por certos aspectos, o acolhimento dos haitianos no Brasil remete a essa questão, sendo desenvolvido a partir de vários propósitos, desde a vinda dos imigrantes haitianos vítimas de catástrofes naturais até o papel diplomático do Brasil e sua relação com a Organização das Nações Unidas – ONU. Isso tem sido uma fonte de instigação, pois os acordos internacionais divergem em seus interesses: vão de uma visão geopolítica estratégica até a inovação de um debate sobre questões humanitárias.

O acolhimento no Brasil levanta vários questionamentos, pois a relação do país com a ONU, e o fato dele se tornar uma referência nas questões de refúgio no cenário internacional, demonstra o que é o Brasil nas relações diplomáticas. O acolhimento aqui tratado é voltado para uma questão humanitária, dentro do que os agentes internacionais decidem da nova dinâmica das migrações. Moraes, Andrade e Matos (2013, p.99) ao analisarem a conjuntura política e a situação social do país, apontam que em 2004, sob o comando do presidente Bonifácio Alexandre no Haiti, diz:

O conselho de segurança das Nações Unidas – CSNU, atendendo ao pedido do mandatário interino, estabeleceu a Força Multinacional Interina – MIF e, em abril de 2004, o Conselho aprovou a Resolução 1.542 dando origem a MINUSTAH comandada pelo Brasil. (MORAES, ANDRADE e MATOS, 2013, p.99).

Analisando a questão histórica do Brasil, temos então um ponto importante na política externa brasileira: o reforço da visão de um país acolhedor. Esse olhar reflete nas tomadas de decisões das relações exteriores do país.

Concluo essa parte, analisando que os acolhimentos aos imigrantes perpassam pelo modo como a sociedade brasileira teve sua formação histórica cultural, e isso remonta a uma hipótese de que há uma aceitação ao imigrante frente às questões humanitárias, mas que têm de se fundamentar apenas no contexto da ajuda. No próximo capítulo, irei verificar a hipótese a partir do conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. A ideia que procuro discutir é a de que quando o imigrante ganha certos privilégios do Estado, o “homem cordial” passa a reivindicar seu espaço enquanto agentes pertencentes daquela nação, ou seja, cidadão de direitos no Brasil, direitos estes concebidos como exclusivos dos nacionais.

No capítulo 3 irei aprofundar as questões do acolhimento e seu objetivo principal é apontar como a forma de acolher os imigrantes, seja pelos órgãos estatais ou pelos centros de acolhimento, perpassam por uma lógica de relações que envolvem espaço e poder. Após o acolhimento qual lugar o imigrante haitiano passa a ter na sociedade brasileira? E quais são as defasagens que advém do acolho, além de apontar os interesse do Brasil dentro do acolho com o visto humanitário nas suas relações diplomáticas?

## CAPÍTULO 3

### O ACOLHO DOS IMIGRANTES NO BRASIL

#### 3.1 Apresentação do quadro geral de migração e de acolho dos haitianos no Brasil

##### *3.1.a O Brasil e seus interesses nacionais e internacionais*

Como dito acima, há uma visão de uma integração cultural fluída dos estrangeiros no Brasil. A nossa construção histórica remete a um contexto de imigrações importante para pensar esse viés. Atualmente as fronteiras do norte do país, atravessadas por novas rotas migratórias, configuram-se em novas medidas para refletir sobre a recepção dos estrangeiros no Brasil. Quero chamar atenção para esses novos momentos dos fluxos migratórios, quem chega no país e quem é bem recebido.

O Brasil tem dentro dos órgãos internacionais uma característica de ser um país acolhedor, desde o ano de dois mil e quatro, as forças especiais do Exército Brasileiro atuou no país haitiano através da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) caracterizada como missão de paz e de ajuda para a estabilização do Haiti. O Brasil também instituiu um visto humanitário que permitiria facilitar o acolhimento dos haitianos no território brasileiro depois da catástrofe natural de 2010. E, de fato, a abertura das fronteiras brasileiras para fortalecer essa política de acolhimento influenciou fortemente

na tomada de decisões dos imigrantes ao escolherem o Brasil para migrar. Essa relação do Brasil com o Haiti não pode ser interpretada a partir de uma visão meramente humanitária, mas também de um interesse do governo brasileiro por ganhos econômicos e para uma vaga no CSNU. Assim, MORAES, ANDRADE e MATTOS (2013) analisando o contexto da imigração haitiana demonstram que,

O Brasil, como forma de impulsionar o desenvolvimento do Haiti, mantém diversos projetos em seu território, com destaque para o auxílio na construção da usina hidrelétrica no Rio *Artibonite*, no sul do país. Além disso, a Embrapa Hortaliças. Esse incentiva a produção de hortaliças na região de *Kenscoff* com financiamento da Agência Brasileira de Cooperação – ABC. [...] Depreende-se que a atuação brasileira no Haiti, por meio desses projetos apresentados, pelas ONGs e em virtude da liderança da MINUSTAH desde 2004, transformou o país em um referencial no imaginário dos cidadãos haitianos. Isso vem levando muitos migrantes do Haiti a escolherem o Brasil como destino. (MORAES, ANDRADE e MATTOS, 2013, p.102-103)

Diante do exposto, o governo brasileiro tem visto uma oportunidade nas migrações para fomentar o setor de serviços no país e um interesse explícito para as relações internacionais frente aos organismos que conduzem as decisões sobre diversas questões no mundo globalizado. Dentro deste contexto de construção de estratégias políticas propícias ao acolhimento dos haitianos, como acontece de fato a recepção burocrática no Brasil?

### *3.1.b Cheguei no Brasil e agora?*

Uma das questões que percebi nos textos de Silva (2016) e Handerson (2015) e dos demais autores lidos, foi a questão da burocracia e na demora do setor público em agilizar a

emissão de documento e conseguir visto humanitário para os imigrantes, pois, os mesmos não são considerados refugiados pelo governo brasileiro.

O primeiro contato para regularizar sua permanência ou não no Brasil, é feito, portanto, pelas organizações não-governamentais, muitas delas custeadas pela igreja católica, que têm um projeto de ajudar os imigrantes nas suas questões mais emblemáticas, como conseguir um local para morar, aprender o português e conseguir trabalho. Uma vez passados os primeiros trâmites burocráticos, os imigrantes recebem sua CTPS (carteira de trabalho) e seguem para viver o cotidiano das cidades brasileiras.

### Imagem 1 – A carteira de trabalho



**5/10** Nicolas Antoine trabalhava como distribuidor de bebidas no Haiti e hoje recebe salário de 1.100 reais na Sadia, em Chapecó (SC) (Mariana Pollara Zylberkan/VEJA)

Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/rota-dos-haitianos-para-o-brasil-os-perigos-no-caminho/>

É nesse momento onde os haitianos vão se inserindo no dia a dia da sociedade brasileira que, segundo os relatos dos antropólogos Handerson (2015) e Silva (2016), os brasileiros mostram-se como agentes dentro do acolhimento, por isso citei acima a questão da integração cultural e social. Esse processo de inserção dos haitianos na sociedade

brasileira é atravessado por diversas questões complexas dentro dos percursos burocráticos e dentro das relações com as ONGs e com a sociedade brasileira de forma geral: a negociação do estatuto de imigrante (os haitianos não têm o estatuto de refugiados no Brasil), as contradições e ambivalências do mito do Brasil acolhedor, os preconceitos veiculados na imprensa, etc. Todos esses elementos remetem à problemática do acolhimento dos haitianos no Brasil, na qual quero me debruçar agora. Neste terceiro capítulo, vou tratar da problemática do acolhimento dos haitianos no Brasil, considerando, num primeiro tempo, a relação dos haitianos com os organismos estatais. Num segundo momento, explicarei como os haitianos são acolhidos de forma ambivalente pelas ONGs e pelos moradores das cidades brasileiras onde se instalam. Num terceiro momento, vou considerar o fenômeno das migrações haitianas no Brasil tal como retratado em artigos de imprensa. Por fim, procurarei analisar o acolhimento dos haitianos no Brasil a partir da figura do “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda.

### **3.2. As diversas facetas do acolhimento dos haitianos no Brasil**

#### *3.2.a Os organismos estatais*

Como os haitianos se encontram dentro desse espaço, em se reestabelecer no Brasil, procurar emprego e mandar dinheiro para seus familiares, como ele passa a se sentir



integrado no país? Uma das questões voltadas para esse pertencimento dentro das novas configurações culturais são as fronteiras simbólicas causadas pela falta de documentação do imigrante que aqui chega e das relações sociais que são construídas dentro desse contexto.

Pretendia neste trabalho de conclusão de curso trazer apenas uma visão totalmente positiva acerca do acolhimento, mas as demandas por serviços de atendimento e maior agilidade na resolução dos problemas dos estrangeiros que chegam são os principais problemas enfrentados por eles.

Os problemas relativos à obtenção de documentos não são apenas problemas “técnicos” burocráticos e administrativos, mas remetem também a questão de negociar sua presença e seu estabelecimento no país:

Numa perspectiva etnográfica, as pessoas quase não se auto identificavam como refugiados ou imigrantes. Há diferença entre os pontos de vista do Governo sobre os pontos de vista dos haitianos e os pontos de vista deles mesmos. São muitos pontos de vista, sentimentos e relações ambíguas com o universo da mobilidade. O trabalho não é sobre a experiência indocumentada dos haitianos, mas sim, sobre as experiências e trajetórias daqueles chegados ao país em situação indocumentada, isto é, sem visto exigido pelo Governo brasileiro.”(HANDERSON, 2015b, p. 35-36)

Quando o imigrante haitiano não tem os documentos, ele é apenas um viajante que quer se estabelecer em nossa realidade. Há um impacto psicológico onde atuam forças e relações de poder do estatal nacional sobre o estrangeiro que vem até o imigrante que fica nos locais de acolhimento: esperando a burocracia para conseguir documentos brasileiros, o imigrante haitiano não está nem dentro e nem do lado de fora. Esse ponto realça a existência de fronteiras simbólicas.

As fronteiras simbólicas aparecem também nas relações sociais que se podem ser vistas nas relações com os documentos de trabalho. Há dentro da análise dos autores Handerson (2015b) e Silva (2016), uma visão simbólica do estabelecimento no Brasil ligada à CTPS (carteira de trabalho), em que após a sua retirada, a sensação de integração (ou inserção) é maior, pois os imigrantes haitianos estão aptos para ingressar no mercado de trabalho e ter renda para enviar para a família no Haiti e construir uma estabilidade no país. Em nossa sociedade complexa, repensar o papel do acolhimento é trazer a tona algo mais profundo que não perpassa somente nas questões políticas, e sim na construção de um ideal de “viver juntos”.

Os relatos de Handerson (2015b) demonstram a defasagem do Governo Federal em preencher as demandas acerca dos refugiados no Brasil, apesar de termos uma legislação inovadora e que busca atender a todos, a execução das leis ficam a mercê da burocracia, que é um dos mecanismos mais prejudiciais no atendimento aos imigrantes que chegam à região norte. Essa defasagem no atendimento faz com que os imigrantes recorrem às ajudas sociais oriundas das Organizações Não Governamentais – ONGs, que através do papel da Igreja Católica tem conseguido ajudar parte dos imigrantes que chegam, e após o acolhimento deixar que partam para as demais regiões do país.

### *3.2.b As ONGs e a sociedade civil*

O Haiti é um país que tem em sua estrutura geopolítica e cultural várias religiões, mas ao chegarem ao Brasil, independente de ser católico, pentecostal ou praticante de vodu, o acesso perpassa a igreja católica, por causa dos projetos que a mesma desenvolve. Independente das expressões de fé dos haitianos, a igreja tem sido um local de acolho imprescindível. Assim, ao chegarem ao país, os imigrantes encontram apoio da igreja Católica, agente que com o discurso da visão humanitária da imigração se tornou a ponte entre essa relação da chegada e do estabelecimento do imigrante no Brasil. Handerson (2015) relata que:

Uma semana depois da chegada desses primeiros, vieram mais 20, após 30 e assim, em maio de 2010, já 150 haitianos moravam em Tabatinga. As mulheres dormiam dentro da Igreja: e a noite tiravam os bancos para fora e de dia eles eram colocados; os homens dormiam no salão da Igreja. De acordo com Padre Gonzalo, quando alcançaram esse número (em maio de 2010), a ACNUR declarou: “Padre, não podemos dar-lhes documentos de refugiados. Eles não são refugiados, então, eles não entram na nossa ajuda humanitária”. (HANDERSON, 2015b, p. 32)

A dificuldade de uma ajuda mais efetiva dos organismos internacionais, retrato aqui as questões burocráticas. confirma que a igreja com seu projeto social tem sido uma ponte entre a ascensão social e econômica do imigrante haitiano no Brasil, com os seus trabalhos humanitários, e os centros de apoio tem sido um local chave na ajuda dentro das novas configurações da imigração e nas questões burocráticas causadas pela falta de documentação.

Handerson também confirma essas particularidades do acolhimento dos haitianos, contado que, ao chegarem ao Brasil, os imigrantes tendem a se fecharem para as pessoas, confiando apenas em membros de órgãos, instituições e membros da Igreja Católica. Handerson relata em sua tese, que durante a sua pesquisa de campo, ele foi para a praça da cidade em Tabatinga e lá conseguiu se enturmar com os outros conterrâneos apenas quando se apresentou como haitiano e contou acerca do que fazia e de seu sucesso profissional no Brasil. Só nesse momento ele conseguiu abertura para conversar e fazer as entrevistas formalmente. Além da Igreja Católica, as Associações formadas pelos próprios haitianos têm sido um canal para o seu estabelecimento, principalmente nas grandes capitais. Essa rede faz com que vão se articulando e passam pelos processos que a nova realidade lhes impõe, como os empregos que não satisfazem as necessidades de fato dos imigrantes, os preconceitos ocasionados por várias pessoas no âmbito do trabalho e as questões culturais fazem com que o imigrante repense o seu papel frente à sociedade brasileira.

Silva (2016) aponta uma visão do acolhimento diferente de Handerson (2015), em Manaus: a Igreja permanece uma das responsáveis direta pelo acolhimento, cria medidas para ajudar na permanência e na garantia de direitos dos haitianos, mas a sociedade civil tem outros discursos, principalmente os moradores de alguns bairros, que cita em seu artigo.

Se, de um modo geral, a imagem dos haitianos na cidade é considerada, por um lado, boa, pois são vistos como pessoas trabalhadoras e educadas, que não se envolvem com a criminalidade, por outro, os canais de diálogos com o contexto

local parecem ser ainda incipientes. Além das iniciativas privadas, particularmente de igrejas e ONG, não se constata nenhuma política pública voltada para a inserção sociocultural deles em Manaus, já que na percepção do senso comum a cidade está mais “colorida”. Contudo, o problema que se coloca é como lidar com essa diversidade, oscilando entre a intolerância localizada, como é o caso de alguns brasileiros incomodados com essa presença no bairro São Geraldo, e o discurso exorcizante de que os haitianos não são discriminados na cidade. (SILVA, 2016, p. 147)

Os moradores de Manaus onde os haitianos se estabelecem estão divididos, pois há uma forte atenção em relação aos imigrantes, como a abertura de uma creche para as crianças, a busca por arranjar um emprego. Segundo o autor, há resistência na aceitação dessa nova realidade, ele diz que:

[...] as opiniões se dividem sobre tal presença no bairro. Para alguns, prevalece a questão humanitária e, inclusive, apoiam as ações sociais que têm sido feitas em favor desses imigrantes. É o caso de José Carlos, engenheiro de 55 anos e morador do bairro há doze anos, o qual ajudou na acolhida dos haitianos, inclusive oferecendo dinheiro. Para ele, a relação é tranquila, pois na sua visão eles “são educados e vieram para ficar”. Já para Carlos, de 45 anos e morador do bairro há quinze anos, as autoridades deveriam atender primeiro as necessidades dos brasileiros, pois, segundo ele, “o governo dá aos haitianos prioridade que nunca foi dada aos amazonenses.” (SILVA, 2016, p. 143).

Há uma contradição sobre o Brasil: tem-se uma preocupação com a questão humanitária no mundo, uma preocupação em acolher e ajudar quem está nessa situação, mas quando o governo começa a criar medidas que são de impacto direto aos estrangeiros que aqui chegam à busca de uma vida melhor, há um descontentamento, muitas vezes, generalizado, de insatisfação sobre a ótica de que os refugiados e imigrantes estão se

apossando dos poucos empregos que ainda restam. Essa ambivalência do acolhimento dos haitianos no Brasil gera, entre outras questões, uma tendência muito preocupante, como a incitação à xenofobia. O imigrante quando começa a trabalhar e tem a oportunidade em alguns setores que não o de serviços, como a construção civil, passa a ser visto com outros olhos pela grande maioria dos brasileiros.

Mas com todos os questionamentos feitos na introdução sobre o pesquisador inicial, cabe aqui fazer uma análise bem definida sobre o real espaço em que o haitiano se inserirá na nossa realidade. Silva (2016, p. 142) define bem a posição dos moradores dos bairros em Manaus onde mais se concentram haitianos e diz que “as relações dos haitianos com o contexto local ainda são restritas e, em alguns casos, marcadas pela desconfiança e intolerância da parte de alguns moradores.” De acordo com Silva (2016, p.144), a situação socioeconômica e de renda, é uma das principais preocupações dos haitianos que aqui chegam, mas estes encontram dificuldades no país para obter empregos que realmente condizem com as suas formações profissionais: não são fáceis de conseguir, pois a resistência de muitos brasileiros em abrir espaço para a mão de obra estrangeira que não seja no setor de serviços, ainda é muito grande. Silva aponta que

essas visões revelam resquícios de uma mentalidade retrógrada e racista que não vê outro lugar social para o negro a não ser na condição de força de trabalho mal paga e disponível para ocupar postos de trabalho pouco valorizados, como os mais pesados na construção civil e no serviço doméstico. Aliás, ser negro, estrangeiro e pobre são atributos que podem dificultar ainda mais as trajetórias desses imigrantes na cidade”. (SILVA, 2016, p. 143/144).

As ONGs, como as dirigidas pela Igreja Católica, desenvolveram campanhas de luta contra os preconceitos sofridos pelos haitianos nas cidades onde se estabelecem. Mas encontramos esses preconceitos veiculados em certas mídias, contra as quais os organismos de defesa dos direitos dos estrangeiros emitem regularmente notas de repúdio.

### 3.2.c A mídia e sua visão sobre a imigração haitiana

#### Imagem 2 – A capa de uma revista jornalística sobre a migração “em massa” de haitianos



Fonte: [http://istoe.com.br/185286\\_MIGRACAO+EM+MASSA+DE+HAITIANOS+DEIXA+BRASILEIA+NO+ACRE+EM+SITUACAO+DE+COLAPSO/](http://istoe.com.br/185286_MIGRACAO+EM+MASSA+DE+HAITIANOS+DEIXA+BRASILEIA+NO+ACRE+EM+SITUACAO+DE+COLAPSO/)

Uma das questões que aparecem como ponto de discussão na imigração haitiana é o papel do jornalismo brasileiro. Essa nova configuração no Brasil em relação aos fenômenos migratórios e às políticas migratórias ganham força num discurso jornalístico voltado à precariedade da situação em que se encontra a figura do imigrante haitiano que chega à região norte, fortalecendo uma determinada visão do senso comum sobre a vinda do imigrante apenas por causa de desastres ambientais.



### Imagem 3 – Artigo de jornal

## Sem emprego, haitianos perambulam por cidades do Acre

Fábio Pontes

De Brasileira (AC) para a BBC Brasil

Atualizado em 28 de fevereiro, 2013 - 08:00 (Brasília) 11:00 GMT



Haitianos perambulam por ruas de Brasileira, no Acre, sem emprego e perspectiva. Fotos: Fábio Pontes

Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/02/130225\\_haitianos\\_fp.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/02/130225_haitianos_fp.shtml)

Nessa exposição midiática acerca das migrações no Brasil, a figura do haitiano remete a uma situação de precariedade, ora não tem empregos, ora vem apenas atrás de

melhoria de vida porque no Haiti a situação fugiu de controle social. O discurso é duplo: as levadas de migração haitianas ora representam uma ameaça ora devem ser o alvo de ações humanitárias benevolentes.

As imagens retratadas acima nas reportagens têm um papel importante dentro do contexto jornalístico, devido a essa visão humanitária da imigração e da comoção social que o terremoto trouxe no mundo, os jornais construíram um discurso de que a situação do haitiano é de miséria e descontentamento com seu país. O que reforça Handerson (2015b) em seu relato,

[...] alguns me olhavam com desconfiança, achando ser eu jornalista ou trabalhar para algum órgão do Governo brasileiro. Parecia mais vantajoso o segundo status social do que primeiro. Do ponto de vista dos sujeitos, eles evitavam as conversas com os jornalistas porque estes usavam as informações e fotos para reforçar estigmas e estereótipos associados ao Haiti e à sua população, ressaltando a miséria, a violência e as doenças. Não queriam ser ligados a tais imagens e representações, sobretudo pelo receio de os familiares no Haiti saberem das situações precárias nas quais viviam no Brasil. Mas quando os sujeitos têm a oportunidade de conhecer agentes do Governo, para eles é uma porta para reivindicar a ter acesso a direitos, a documentos no país, conseguir emprego e/ou ingressar numa universidade brasileira. (HANDERSON, 2015b, p. 64).

Concluo com essa visão crítica em relação à mídia, devido a grande abrangência que essas reportagens têm nas redes sociais, pois mesmo com o investimento do Brasil nas relações bilaterais com o Haiti, as reportagens levam a uma leitura fora dos padrões reais do verdadeiro sentido da imigração, remetendo ao compromisso do Brasil frente aos organismos internacionais para realizar um papel de ajudar a organizar a sociedade haitiana frente ao trabalho da MINUSTAH e o fomento econômico através das instituições que

desenvolvem projetos no Haiti, como a Embrapa. Ao lermos as reportagens pensamos diretamente no caos generalizado nas questões de acolhimento, sendo que as vozes dos imigrantes haitianos citadas não retratam os verdadeiros motivos que o levaram a chegar ao Brasil e sim, dor, confusão e desespero.

### **3.3. O acolhimento dos haitianos à luz do conceito de “homem cordial”**

Qual é o real sentido do acolhimento? Dentro das questões políticas vemos o interesse do país em se tornar um agenciador da “paz”. Utilizo esse termo agenciador da “paz” na tentativa de construir uma crítica a esse papel de defensores, neutros, pacíficos e conciliadores que nos caracterizam, mas que se sobrepõe aos reais interesses brasileiros e tenta esconder as nossas maiores dificuldades na aceitação e no trato com o imigrante. Não encontrei o termo agenciador da “paz” na literatura sobre imigração atual na minha pesquisa, mas trago como reflexão que delimitarei melhor em outras reflexões sobre a imigração haitiana no Brasil.

Para compreendermos essa relação do acolhimento quando os haitianos já estão estabelecidos no local escolhido, Handerson e Silva apontam para uma sensação de medo, por parte da população local, na aceitação de refugiados e imigrantes no país, que só se manifesta verbalmente em momentos específicos, como na criação da nova lei de migrações no Congresso Nacional. Cito Da Matta (1986) para construir meu argumento

sobre o acolhimento dos haitianos no Brasil, que revela realidades sociais, culturais e políticas muito mais ambivalentes e complexas do que as desenhadas pelos ideais de um país acolhedor. Segundo o autor, há de fazer crer que o brasileiro tem um coração voltado para as "questões sociais", mas nossa construção social quebra totalmente esse viés; assim, no relacionamento com o haitiano, constrói-se um discurso de aceitação da pessoa do imigrante enquanto a situação desse remeta a questões humanitárias, quando essa situação evoca ascensão econômica, a relação com os haitianos parece mais complicada. É o que pretendo discutir agora.

Essa visão do brasileiro como um indivíduo que se preocupa socialmente com o imigrante, reflete na nossa construção cultural que perpassa o mito da democracia racial. Como citei acima, "aceitam-se todas as raças", mas não confiamos totalmente no estrangeiro. Sendo essa questão alinhada com o fato de que nossa miscigenação ocorreu entre negros africanos, indígenas e brancos europeus, Da Matta diz,

de fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi tomado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro pobre e inferior, uma série de critérios de classificação. (1986, p.47)

Assim, podemos conjecturar que a estrutura social brasileira frente a esse olhar do acolhimento reforça a visão do "homem cordial" que Holanda (1995, p.147) expõe em

*Raízes do Brasil*, uma “cordialidade em forma de coerção”. A questão paternalista trouxe uma discussão que segundo o autor, pode ser entendida como uma insegurança do brasileiro em perder essa pessoalidade e essa sensação de proteção de “pai”, que advém do Estado. Assim, quando Silva (2016) relata os casos de preconceito e xenofobia em seu texto, percebe-se claramente que é um descontentamento em relação ao Estado com a forma com que trata os interesses dos imigrantes. De acordo com Holanda (1995, p.146), “a escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias.” Assim, quando um imigrante negro ganha ascensão econômica e passa a depender do Estado através das políticas públicas, o “homem cordial” sente-se ofendido, revelando seu lado coercitivo. Essas questões revelam as relações interétnicas e os conflitos entre os grupos, a hierarquia vista pelo brasileiro como um cidadão de direitos e a figura do imigrante como um não-cidadão que busca os mesmos direitos do Estado. Mas aqui, há o recorte de cor, que impacta diretamente na tomada de decisão do brasileiro em agir com as demandas dos imigrantes, e esse debate do “homem cordial” e relações interétnicas passam pelo debate racial.

Como relatei acima, no Manual do pesquisador neófito, não pude ter recursos para fazer uma pesquisa de campo, mas não perdi a oportunidade de ouvir relatos de pessoas que de certo modo, contribuíram para minha pesquisa, assim, participando da IV Conferência Estadual de Igualdade Racial de MG de 2017, conversei com pessoas que me ajudaram a compreender a posição do imigrante, enquanto agentes de direitos. Um dos relatos que ouvi

atentamente, foi de um dos coordenadores da mesa que trabalhavam com o setor público com imigrantes e refugiados, ele disse que fez campanha para arrecadar ajuda para refugiados sírios que haviam chegado na capital, sendo que das doações, ele conseguiu tirar treze caminhões para ajudar os grupos de imigrantes haitianos. Questionei se não era por questões humanitárias, mas ele me disse que não, porque a dois anos ele fazia a mesma campanha para os imigrantes haitianos e não tinha o mesmo sucesso, segundo ele, a questão era mesmo por causa do recorte de cor.

Outro relato que ouvi no eixo em que me inscrevi sobre migrações, foi de um haitiano que morava na região do triângulo mineiro, ele é professor formado no Haiti e estava tentando encontrar emprego na cidade onde estava instalado, sua reclamação perpassava principalmente nessa dificuldade de conseguir emprego em sua área, e a burocracia, porque ele não tinha acesso as serviços básicos bancários e tinha que sempre ir à Uberlândia fazer todos os trâmites.

Portanto, o imigrante pode ter ajuda do Estado? Sim, desde que o caráter personalista e a relação patriarcal exclusiva do cidadão nacional com o Estado não sejam feridos: se o Estado prover mais para o imigrante, poderá acontecer o que Prado (2000, p. 282) fala em seu texto, a separação das classes ficam evidentes sendo que o “preconceito discriminador que não transparecia por ser moralmente errado”, logo fica mais transparente e quebra esse discurso moral da aceitação, da cordialidade vinda do “homem cordial”, como citei acima.

Então, como fica esse olhar para a presença estrangeira no país? As políticas de refúgio e os debates sobre uma política migratória mais aberta têm-se intensificado nas discussões das comissões no Congresso Nacional, as políticas públicas têm abarcado esse momento global em relação às migrações e o Brasil tem sido uma das referências neste assunto. Mas diante de um possível sucesso nas questões migratórias no país, há também contradições que perpassam essa discussão:

Contradição 1 – o Brasil debate políticas migratórias mais abertas, mas a burocracia brasileira ainda dificulta muito a inserção dos imigrantes no país.

Contradição 2 – apesar das dificuldades encontradas pelos haitianos nos serviços públicos, a população local apenas vê as ações sociais que beneficiam os imigrantes e tem a sensação que esses são privilegiados.

Observamos aqui a questão do homem cordial: seríamos mesmo um povo acolhedor ou não estaríamos fazendo uma análise equivocada dos fenômenos sociais, políticos e culturais que constituem o acolhimento dos haitianos no Brasil, reforçando esse discurso? Em nossa sociedade complexa, repensar o papel do acolhimento é trazer à tona algo mais profundo que não perpassa somente nas questões políticas, e sim, na construção do nosso projeto de sociedade ideal.

Concluo essa parte, avaliando que a imigração haitiana é um reflexo dos interesses nacionais frente às demandas dessa nova globalização, reitero aqui, a ideia de movimento que Santos (2008) aborda, nos últimos anos, o mundo tem sua dinâmica impactada por fluxos migratórios. A chegada dos haitianos, trouxe uma visão sobre o papel dos nacionais

frente aos recém - chegados no país. E a mídia reforça essa ideia de humanitarismo, colocando o imigrante como um indivíduo precário, já o acolhimento rebate essa visão de um estereótipo de imigrante desenhado pela mídia, pois no momento de analisar os currículos, grande parte dos imigrantes que aqui chegam tem carreiras consolidadas em seu país de origem. Os centros de acolhimento também demonstram ser espaços de difícil acesso, há uma burocracia para que um acadêmico consiga chegar até o haitiano, percebe que esse cuidado extremo à pessoa do imigrante também existe dentro dos centros de acolhimento.

Se a sociedade brasileira está preparada para atender as demandas dos haitianos, isso somente os próximos anos dirão, mas há um questionamento acerca das relações hierárquicas que estão sendo construídas frente a essas demandas do acolhimento.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Brasil vive um momento muito delicado frente às novas realidades das migrações, como questionei acima, ainda não podemos afirmar que as questões migratórias, com todas as suas complexidades, foram definidas como tema a ser mais esclarecido e desenvolvido por um debate público de ampla escala no país. Como foi apontado neste trabalho de conclusão de curso, há uma relação complexa entre os nacionais e os imigrantes. Mas o Brasil tem despontado suas políticas migratórias, reformulando leis e garantindo direitos e abertura para construção do espaço dos imigrantes e refugiados que



aqui chegam. Com a aprovação da Lei Nº 13.455, em 24 de maio de 2017, despontamos para um novo momento, a abertura para uma política migratória inovadora e que pode ser seguida como referência pelos Estados nacionais em todo o globo.

### **Críticas ao acolhimento.**

Analisando Handerson (2015), podemos ter uma visão da chegada do imigrante haitiano ao Brasil com a pretensão apenas de partir para outros países como a Guiana Francesa, e uma quantidade expressiva de imigrantes se estabelecendo no Brasil e sendo acolhidos, mas através de Silva (2016) e outros teóricos, posso abrir espaço para as críticas em relação aos desdobramentos desse acolhimento, como a precariedade nos serviços apresentados, a desconfiança da população acerca da presença dos haitianos. Assim, Silva (2016) cita em seu texto a falta de uma política pública clara e bem estruturada para cuidar dos direitos dos haitianos que chegam ao país.

Com a permanência dos haitianos, há então uma nova dinâmica de acolhimento, além dos serviços sociais de cadastramento para a retirada de vistos e documentos como a carteira de trabalho, O setor estatal e não - governamental têm de ajudar o haitiano a conseguir se estabelecer dentro da nossa realidade brasileira, com cursos de língua portuguesa e capacitação para imersão no mercado de trabalho e sentindo também os efeitos da crise econômica que afetou o Brasil, em 2010, com a chegada dos primeiros

grupos pós-terremoto, Gomes (2016) aponta que “um novo fluxo se criou em que os migrantes haitianos que estão desempregados imigram, predominantemente, para o Chile, pois a moeda está mais forte e há uma promessa de emprego com um salário melhor” (GOMES, 2016).

### **Novas perspectivas da imigração Haitiana no Brasil e sua inserção internacional.**

Após treze anos de missão no Haiti, o governo brasileiro no site do Ministério das Relações Exteriores anunciou que

A Resolução 2350 (2017) do CSNU determinou a extensão final da MINUSTAH até 15 de outubro próximo. A missão será substituída pela MINUSJUSTH (Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti), que não terá componente militar, com foco no apoio ao diálogo político e ao fortalecimento da Polícia Nacional do Haiti, das instituições judiciais e penais e da situação de direitos humanos. (ITAMARATY, s.d.).

Com este trabalho de conclusão de curso, procurei levantar questionamentos acerca do acolhimento que é um dos pontos importantes para o estabelecimento do haitiano no Brasil. Com o fim da Minustah, o país continua sua priorizar a ajuda humanitária como forma de conseguir uma cadeira no CSNU, partindo para uma nova fronteira que é o

Líbano. Quais serão os desdobramentos das relações internacionais que surgiram dentro do contexto árabe, somente nos próximos anos poderemos contemplar. O que analiso, é que o país tem uma história que está se consolidando com as questões diplomáticas, através das missões humanitárias que está realizou no Haiti e agora no Líbano e seguindo também para o continente africano. O Brasil tem um desafio de mais alguns anos de trabalho com as forças especiais do Exército Brasileiro e pode conseguir efetividade em seu anseio por uma cadeira no Comitê de Segurança da Organização das Nações Unidas. Acerca do acolhimento, também reitero que para dinamizar a burocracia, tem de haver entre o setor público um diálogo maior com os centros de acolhimento, pois nos trabalhos lidos para este TCC comprovei que apesar da política dos agentes estatais ainda não há um encontro mais atuante com as demandas dos haitianos, sendo que conseguem essa efetividade com a ajuda dos setores não - governamentais, mas mesmo com toda a ajuda no acolhimento, o setor depende da ajuda do governo para manter suas atividades e inserir o Haitiano dentro do cotidiano, isso demonstra a complexidade que há entre as questões públicas e privadas relacionadas a burocracia no acolhimento, pois a burocracia oriunda do Estado é demorada e não atende todas as demandas da chegada dos imigrantes ao país.

Acerca da sociedade brasileira e o modo como o estrangeiro é tratado dentro do cotidiano, podemos conjecturar que a pluralidade cultural e as relações de poder e classe ficam evidentes dentro da complexidade dessa totalidade da vida social citada por Santos (2008), o imigrante haitiano passa pelas mesmas dificuldades que os negros no Brasil em relação ao preconceito de cor, mas ainda tende a vivenciar a xenofobia.

Neste trabalho de conclusão de curso também quis chamar a atenção para os relatos de se fazer pesquisa sem recursos e para as dificuldades em encontrar um ponto dentro da temática das migrações: realizar essa pesquisa demandou calma e um olhar crítico para as dificuldades. Não desperdicei a oportunidade dos pequenos contatos que tive com os relatos que ouvi, esse *insight* na hora de fazer pesquisa é importante, pois nem sempre haverá o recurso e os *Gaps* surgirão como desafios a serem cumpridos.

Concluo com uma preocupação acerca das novas gerações, o fluxo imigratório é só um reflexo para o tipo de sociedades que estão sendo construídas no globo, quando citei Santos (2008) quis também apontar para essa complexidade da vida social que está cada vez dinamizada como cita Ianni (1997), em alguns anos, a sociedade brasileira estará totalmente imersa nessa nova dinâmica, no sentido que, as tensões entre os nacionais e imigrantes possam ter-se amenizado e uma nova visão de mundo esteja prevalecendo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1994.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2005.
- GOMES, Sueli de Castro. **A presença dos Haitianos em Maringá (PR) e as ações de acolhimento:** iniciando o debate sobre a mobilidade do trabalho. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luís/MA.
- HANDERSON, Joseph. **Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 43, 2015a, p. 51-78, jan/jun.
- HANDERSON, Joseph **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015b.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- ITAMARATY. “Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti”. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/142-minustah>. Acesso em: 03 de outubro de 2017 às 15:28.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. Ed.rev.e amp. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. 4. Reimp. – São Paulo: Atlas, 2011.

MORAES, Isaias Albertin de. ANDRADE, Carlos Alencar de. MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, vol. 4, nº 20, 2013, p. 95-114. Out. Nov.

PRADO Júnior, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Sidney A. **Entre o caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural**. Estudos Avançados 30 (88), 2016, p 139-152.

**Haitianos revivem no Acre a miséria de um país**. 2013. (Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-04-14/haitianos-revivem-no-acre-a-miseria-de-um-pais.html>> Acesso em 02/06/2017).

**Migração Haitiana para o Brasil**. Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2013. (Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/images/arquivos/resenha-de-imprensa-2013.pdf>> Acesso em 02/06/2017).

